

ELOGIO À MASTURBAÇÃO: MATERIALISMO E SAÚDE EM DIDEROT

Paulo Jonas de Lima Piva¹

Resumo: Partindo da premissa ontológica de que a realidade é única e essencialmente matéria e que o ser humano é tão-somente corpo, o filósofo francês Denis Diderot (1713-1784) desenvolveu, sobretudo no decorrer da sua maturidade filosófica, uma ética hedonista, baseada na moderação dos prazeres e na preocupação com a utilidade pública. Simultaneamente eudemonista, essa perspectiva materialista entende a felicidade como um estado psicofisiológico, mais precisamente como uma necessidade orgânica que depende da saúde do corpo que constitui e que consiste no próprio indivíduo. É quando, na sua *Continuação da conversa*, de 1769, Diderot se faz médico e, de forma inusitada, provoca uma reflexão de alcance ético sobre a masturbação. É desta reflexão filosoficamente heterodoxa e dos seus desdobramentos éticos que trata este artigo.

Palavras-chave: corpo – masturbação – materialismo – hedonismo – eudemonismo

A masturbação como problema filosófico

O que é afinal um problema filosófico? Esta não é uma inquietação nova para filósofos e filósofas. Como quase tudo em filosofia, a definição ou a noção de “problema filosófico” não é uníssona; ela depende em grande medida de uma definição e noção anteriores: do que entendemos por filosofia. Se a nossa concepção de filosofia for bastante restrita e tradicional, para não dizermos estreita e estagnada, poucos serão os problemas considerados estritamente filosóficos, muito pouco além de Deus, verdade, sentido da vida, justiça, beleza, possibilidade do conhecimento, amor. Entretanto, se a nossa concepção de filosofia for mais flexível, ampla e interdisciplinar, isto é, mais ousada e criativa, vários problemas poderão se enquadrar nesse universo. Assim sendo, talvez fosse mais razoável indagarmos qual problema não seria filosófico.

O corpo humano, por exemplo, seria um problema filosófico? Para pensadores da estirpe de Espinosa, Nietzsche, Foucault, Michel Onfray e sobretudo para os materialistas franceses do século XVIII, podemos dizer que o corpo humano é sim um problema filosófico, aliás, um dos problemas centrais da filosofia, pois, para eles, pensar o corpo humano em sua constituição, em

¹ Doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo e professor do Centro de Ciências Naturais e Humanas e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do ABC (UFABC).

E-mail: paulo.piva@ufabc.edu.br

toda a sua abrangência e complexidade, e em todas as suas relações, remete-nos minimamente à ontologia, e os seus desdobramentos à ética e à política.

O iluminista e materialista francês Denis Diderot (1713-1784) levou essa reflexão sobre o corpo humano às últimas consequências; ele tentou explorar em sua multifacetada obra tudo o que estivesse ligado a essa engrenagem biológica, da sua constituição e funcionamento às suas necessidades e expressões. Diderot é autor, por exemplo, dos *Elementos de fisiologia*, um estudo minucioso sobre nossos órgãos e vísceras desenvolvido de 1774 a 1780. Nesse livro, o corpo humano é investigado por dentro, dissecadas conceitualmente muitas de suas partes e apresentadas explicações sobre sua estrutura, suas conexões e sobre fenômenos como a memória, o sono e o entendimento². Mas é em *Continuação da conversa*, de 1769, texto que finaliza sua trilogia materialista iniciada com *Conversa entre D'Alembert e Diderot* e desenvolvida com muito humor e imaginação em *O sonho de D'Alembert*, que o enciclopedista surpreende o leitor em sua teorização sobre a natureza humana. A uma certa altura de uma conversa bastante reservada e direta entre um médico e uma mulher do cotidiano do Antigo Regime, o médico, um genuíno representante do movimento das Luzes, coloca mediante um eufemismo uma questão à primeira vista nada filosófica, porém, deveras constrangedora para as crenças morais de uma convencional mulher burguesa do século XVIII francês: “E as ações solitárias?”³

A masturbação como remédio

Masturbação, onanismo, tanto na sua versão masculina quanto feminina: é exatamente disso que tratam as “ações solitárias” propostas como problema pelo médico Bordeu à senhorita de l’Espinasse. No fundo, é o materialismo de Diderot que fala e provoca pela voz desse homem de ciência, desse estudioso e técnico do corpo humano. Na verdade, a conversa reservada e direta da senhorita de l’Espinasse com o especialista em corpo humano tem início antes, e com uma questão não menos inusitada, não menos sexual e talvez mais filosófica até do que a masturbação. A senhorita pergunta ao doutor, sem rodeios, qual seria a opinião sincera dele, um médico, acerca da “mistura das espécies”⁴. Isso mesmo: a pergunta de natureza científica e de alcance ético da curiosa senhorita evoca a zooerastia e envolve a eugenia.

A sexualidade, mais precisamente as suas consequências éticas, é, portanto, o tema dominante da conversa filosófica entre os interlocutores da última parte da trilogia materialista de Diderot, a *Continuação da conversa*. Na primeira parte da trilogia, a *Conversa entre D'Alembert e Diderot*, as contradições da tese do dualismo substancial são assinaladas com ênfase e de forma bastante didática; na segunda parte, em *O sonho de D'Alembert*, os detalhes explicativos da tese materialista

² Cf. DIDEROT, *Éléments de physiologie*, especialmente a edição organizada e apresentada por Paolo Quintili, Honoré Champion, 2005.

³ DIDEROT, *Le rêve de D'Alembert*, p. 173.

⁴ DIDEROT, *Le rêve de D'Alembert*, p. 169.

sobre a realidade são expostos. Do ponto de vista da ordem das ideias, Diderot organiza o seu raciocínio na trilogia no sentido da ontologia para a ética, ou seja, na direção do ser para a virtude, com a intenção indisfarçável de desconstruir o dualismo substancial pelos seus absurdos para assim atingir a moral sobre ele fundamentada, ou seja, a moral de inspiração religiosa, a moral cristã na sua versão católica do Antigo Regime, mais exatamente os preceitos e os valores sexuais dessa moral, e com isso fazer prevalecer teoricamente a sua ontologia materialista.

Para deixar clara à senhorita a sua opinião sobre a mistura ou o cruzamento das espécies animais com objetivos científicos e humanitários, e sobretudo para expor os princípios da sua moral iluminista, Bordeu, o porta voz filosófico de Diderot na conversa ao que tudo indica, parte de um diagnóstico bastante crítico das leis civis e das normas religiosas que moldavam a vida social e privada do seu tempo. Como paroxismo e radicalização dessa análise ética temos na *Continuação da conversa* o surgimento do tema da masturbação.

O essencial do descontentamento de Bordeu com a moral e as leis francesas e europeias do seu tempo estaria no fato dessas regras não promoverem e unirem o útil ao agradável, finalidade que o bom senso do médico espera de uma boa legislação e de uma boa moral. E não entendamos aqui o útil e o agradável numa perspectiva individualista e egoísta. Essas normas que Bordeu tanto condena, no seu entender “foram feitas sem equidade, sem objetivo e sem nenhum respeito à natureza das coisas e à utilidade pública”⁵. É o caso da castidade e da continência rigorosa. Que utilidade elas teriam, e que proveito e benefícios elas poderiam proporcionar aos indivíduos que a cultivam e a praticam, para um funcionamento eticamente edificante da sociedade? Para o hedonista e eudemonista Bordeu, a castidade e a continência rigorosa, por não proporcionarem prazer e bem-estar aos que a elas se submetem, por não contribuírem com e para a felicidade dos cidadãos e por serem dogmas do fanatismo religioso, ambas não constariam no seu “catálogo de virtudes”. “E, convenhamos”, sentencia Bordeu, “que não há nada de tão pueril, de tão absurdo, de tão danoso, de tão desprezível, nada de pior, à exceção do mal positivo, do que essas duas raras qualidades”⁶. Em outras palavras, a castidade e a continência rigorosa, “essas duas raras qualidades”, ironiza Bordeu contra a hipocrisia do seu tempo, só não seriam mais perniciosas para a felicidade do indivíduo e para o bom ordenamento da sociedade do que o homicídio. É quando Bordeu usa o tabu das “ações solitárias” para exemplificar o quanto seria deletéria para o corpo humano a moral sexual cristã.

Por mais que a interessada senhorita de l’Espinasse tente tranquilizar o doutor Bordeu garantindo-lhe que ela teria estrutura psicológica para ouvir a sua reflexão despidorada, dizendo-lhe inclusive que o seu temperamento era considerado por pessoas próximas a ela como o de um “discípulo de Diógenes”⁷, o seu constrangimento na *Continuação da conversa* é mais forte do que sua

⁵ DIDEROT, *Le rêve de D’Alembert*, p. 170.

⁶ DIDEROT, *Le rêve de D’Alembert*, p. 172.

⁷ DIDEROT, *Le rêve de D’Alembert*, p. 171.

vontade e curiosidade, porém, nada que atrapalhe o médico na exposição do seu raciocínio materialista, hedonista - de certo modo cínico - e eudemonista. A propósito, em meio a tantos Diógenes na história da filosofia vale ressaltar que o Diógenes ao qual a senhorita se refere é o grego Diógenes de Sinope, que viveu nos séculos V e IV antes de Cristo, o filósofo ou sábio que fez do onanismo um símbolo da autarquia e da autossuficiência absolutas almeçadas pelo cinismo mais radical. Lemos em outro Diógenes, o doxógrafo Diógenes Laércio, que viveu no século III da nossa era, mais precisamente nas suas *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, que o cínico Diógenes lembrado pela senhorita “costumava masturbar-se em público”⁸ e “em certa ocasião esse filósofo masturbava-se em plena praça do mercado e dizia: ‘Seria bom se, esfregando também o estômago, a fome passasse!’”⁹. Eis um episódio da história da filosofia, real ou imaginário, já que se trata de uma doxografia, cuja radicalidade e simbologia devem ser vistas menos pelo seu caráter anedótico e mais pelo seu alcance filosófico. E nesse caso do Diógenes cínico, temos a masturbação como, no mínimo, uma provocação filosófica, tal qual na *Continuação da conversa* de Diderot

As “ações solitárias”, argumenta o médico, produzem prazer ao indivíduo, ao corpo humano que as pratica, portanto, não são ocupações estéreis, tampouco uma atividade prejudicial à vida do indivíduo; também são iniciativas “indiferentes” do ponto de vista da sociedade na medida em que são praticadas no âmbito restrito da intimidade, na esfera individual e privada, logo, são inofensivas para o bem público; e o mais importante: trata-se de uma necessidade fisiológica, isto é, de um apelo do corpo para que o seu funcionamento natural e saudável ocorra; e, ademais, arremata o médico, “é sempre algo doce”.¹⁰

Bordeu ainda elenca na *Continuação da conversa* vários benefícios sociais da masturbação. O primeiro deles, que a masturbação seria uma compensação prazerosa às pessoas de pouca fortuna no sexo e no amor; se a amada ou o amado são inacessíveis na vida real, estes não seriam pelo menos na imaginação de quem ama e deseja sem correspondência. “Se virar à maneira do cínico” seria a melhor alternativa para esse “pobre diabo”¹¹, insiste Bordeu.

O segundo benefício social da masturbação seria proteger muitos homens do contágio de doenças venéreas adquiridas sobretudo na prostituição, ou seja, a masturbação seria um benefício também para a saúde pública, esta, aliás, uma das principais preocupações de Diderot, como vemos, por exemplo, programaticamente no seu *Plano de uma universidade para o governo da Rússia*, de 1771. Neste documento declara Diderot: “é preciso recordar-se que a saúde pública é talvez o mais importante de todos os assuntos”¹².

O terceiro benefício elencado pelo médico iluminista diz respeito diretamente às mulheres. A prática da masturbação ajudaria a preservar a integridade moral e física de moças e

⁸ DIÓGENES LAËRTIOS, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, p. 169.

⁹ DIÓGENES LAËRTIOS, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, p. 63.

¹⁰ DIDEROT, *Le rêve de D'Alembert*, p. 173.

¹¹ DIDEROT, *Le rêve de D'Alembert*, p. 174.

¹² DIDEROT, *Plan d'une université pour le gouvernement de Russie*, p. 355.

senhoras. A automasturbação feminina seria uma alternativa para manterem virgens e respeitadas as moças donzelas até o matrimônio, já que na sua época a honra de uma mulher encontrava-se na inviolabilidade do seu hímen e com este se confundia. No caso dos homens, a masturbação protegeria essas moças donzelas desestimulando-os a se tornarem sedutores inescrupulosos. Por fim, nesta mesma direção, a automasturbação masculina seria um fator importante também na diminuição de estupros. Isso significa que para o Diderot por trás do médico Bordeu a masturbação seria uma atividade moralmente franqueada tanto para homens quanto para mulheres. Satisfazendo solitariamente seus desejos proibidos, uma moça não se entregaria a galanteios de aventureiros, mantendo assim seu hímen e, por conseguinte, sua boa reputação; fazendo o mesmo com sua concupiscência, muitos homens não desonrariam moças virgens nem violentariam senhoras casadas e de respeito.

Já o quarto benefício social da masturbação também seria de saúde pública. Sendo o desejo sexual uma necessidade imperiosa do corpo humano, um dos apetites que constituem o funcionamento do nosso organismo, enfim, uma das expressões determinantes da nossa psicofisiologia, é razoável que quando a nossa natureza solicite o nosso auxílio “prestemo-lhe a mão na ocasião”, literalmente, recomenda o doutor¹³. E o argumento de Bordeu ganha aqui densidade médica: a masturbação seria uma válvula de escape para o corpo humano quando este, na falta do ato sexual com outro corpo humano, acumula líquido seminal, que em demasia pode levar, no seu entender, o organismo a humores desagradáveis, mais precisamente a desequilíbrios psicológicos prejudiciais à saúde. Vale lembrar, por exemplo, que, no século XVIII, a histeria, cuja etimologia nos remete a “útero”, era vinculada à falta de sexo por parte das mulheres, logo, ao acúmulo de líquido seminal no corpo feminino¹⁴. E um corpo sem atividade sexual é forçado pela dinâmica do seu próprio funcionamento natural a encontrar meios alternativos para dar vazão à superabundância do fluido seminal. Se esta superabundância não é expelida pelo corpo por meio da cópula ou por meio da ação solitária consciente, ela escoará inevitavelmente por outra via não menos biológica, a poluição, argumenta Bordeu¹⁵. “A natureza não suporta nada de inútil”, conclui o médico materialista¹⁶. Assim sendo, se o desejo sexual é uma necessidade orgânica, material, do nosso corpo, uma inclinação natural muitas vezes implacável, e a sua satisfação ou não pode determinar o adequado ou inadequado funcionamento do nosso organismo, é mais do que razoável, pensando no bem da nossa própria saúde, entendermos essas necessidades como moralmente inocentes em si mesmas, logo, não podemos nos culpar por atendermos aos seus apelos quando solicitados, desde

¹³ DIDEROT, *Le rêve de D'Alembert*, p. 174.

¹⁴ Cf. DIDEROT, *Jóias indiscretas*, p. 317, nota 8. É importante ressaltar que o objetivo deste artigo é tratar estritamente da reflexão sobre a masturbação em Diderot, seja em suas obras, seja na *Enciclopédia*, a qual dirigiu, e não da discussão geral sobre o tema no período, o que extrapolaria os limites de um artigo acadêmico.

¹⁵ DIDEROT, *Le rêve de D'Alembert*, p. 174.

¹⁶ DIDEROT, *Le rêve de D'Alembert*, p. 174.

que tal atendimento siga a máxima de unir o útil ao agradável e o interesse individual ao interesse público. O que significa que contrariar as necessidades naturais do nosso corpo pode comprometer a sua saúde e, por conseguinte, como parte fundamental e reflexo dessa saúde, a nossa felicidade. Finalizando seu raciocínio materialista, hedonista e eudemonista acerca da nossa relação moral com as necessidades e apelos do nosso próprio corpo, o iluminista Bordeu declara à atenta senhorita de l'Espinasse: “Eu não vejo na recusa e na ociosidade senão tolice e prazer frustrado”¹⁷.

A reação da senhorita de l'Espinasse diante da exposição despuorada de Bordeu é previsível: “Eis uma doutrina que não é boa para se pregar às crianças”¹⁸. O médico tem consciência da ousadia de suas ideias, porém, prossegue e se aprofunda em sua conversa reservada e franca com a senhorita. Preocupado sobretudo com os efeitos danosos da castidade e da continência rigorosa na saúde dos jovens, Bordeu propõe um exercício de reflexão à senhorita. Imaginemos que a senhorita de l'Espinasse tivesse uma filha muito inocente e recatada naquele momento biológico em que o corpo humano passa involuntariamente por transformações psicofisiológicas que o tornam apto para a reprodução. A menina inocente e recatada passa então a conviver de repente com desejos que afloram com intensidade e involuntariamente pelo seu ser, perturbando a sua alma e descontrolando o seu humor. Ciente da situação e preocupada com a saúde e com o bem-estar da filha, a senhorita procura o doutor Bordeu para uma consulta. A senhorita não quer só diagnosticar o estado da filha e sim sanar essa perturbação o mais rápido possível. Bordeu então examina a menina e chega a um diagnóstico para o humor agitado da menina: superabundância e retenção de fluido seminal, que uma vez não remediados com uma certa urgência poderão levar a paciente à loucura. Certo do diagnóstico, zeloso pela honra da menina e mais ainda pela sua saúde, o doutor Bordeu, no cumprimento do seu dever profissional, indica o remédio mais eficaz para esse acúmulo no organismo de substância sexual que precisa ser expelido: a ação solitária. Qual seria a reação da mãe, a interlocutora curiosa, a essa receita razoável, a essa terapia eficaz, porém imoral do ponto de vista do juízo moral dominante, de Bordeu?¹⁹

Constrangida, a senhorita tergiversa; seu pudor não lhe permite crer que um caso assim possa de fato ocorrer no cotidiano real de um consultório médico. Bordeu, entretanto, confessa que tais casos são mais corriqueiros do que o senso comum imagina, e só não seria mais frequente porque a moral vigente em sua cultura, que faz da sexualidade um assunto proibido e perigoso, inibe iniciativas e receitas similares, o que é de se lamentar, pois muitos corpos poderiam retomar seu funcionamento natural e equilíbrio caso os preconceitos não fossem empecilhos tão poderosos.

¹⁷ DIDEROT, *Le rêve de D'Alembert*, p. 174.

¹⁸ DIDEROT, *Le rêve de D'Alembert*, p. 174.

¹⁹ Cf. DIDEROT, *Le rêve de D'Alembert*, p. 175.

Masturbação na *Enciclopédia*

O livro de Jean-Marie Goulemot publicado em português em 2000 tem muito a dizer à reflexão que aqui provocamos via Diderot, e já no seu título e subtítulo: *Esses livros que se leem com uma só mão: leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII*. Em linhas gerais, trata-se de um estudo sobre os efeitos da literatura pornográfica nos corpos dos leitores franceses do século das Luzes, sendo o principal deles levá-los e levá-las à necessidade psicofisiológica de compartilhar uma das mãos que deveria segurar o livro no ato da leitura, com o seu próprio órgão sexual enquanto a leitura é saboreada²⁰. Ilustrando de forma mais direta tal situação, “leia, devore e bata uma punheta”, como escreveu o marquês de Mirabeau, contemporâneo de Diderot²¹. A propósito, Goulemot ressalta duas obras do século XVIII francês inteiramente dedicados ao tema da masturbação, mais exatamente à influência dos livros pornográficos no desejo sexual então considerado patológico, isto é, o desejo sexual excessivo. Trata-se de *O onanismo, dissertação sobre as doenças produzidas pela masturbação*, de 1760, de autoria do doutor Tissot, e *A ninfomania, ou tratado sobre o furor interino*, de 1771, também de um médico, o doutor Bienville²². Nesse sentido vale lembrar também *Teresa filósofa*, de 1748, uma publicação anônima, porém, de autoria do Marquês d’Argens, e, segundo o historiador Robert Darnton, um dos três principais best-sellers da França absolutista²³. Nesse romance de pornografia quase “pura” - adjetivo e definição de Darnton²⁴ -, o tema do desejo e do onanismo femininos aparecem em meio a outros temas de conotação sexual, dentre eles, o defloramento e o medo da gravidez indesejada. Quem narra é a própria Thérèse, uma mulher de natureza ardente desde os seus sete anos de idade: “Minha mãe, temendo por meus dias, não me deixou mais e me fez deitar junto dela. Qual não foi a sua surpresa quando, acreditando que eu dormia, percebeu que eu estava com a mão na parte que nos distingue dos homens, onde, por uma fricção suave, eu me proporcionava prazeres pouco conhecidos para uma menina de sete anos e muito comuns entre as de quinze”²⁵.

Os enciclopedistas, personagens emblemáticos da França do século XVIII, na ambição de reunir todos os conhecimentos até então produzidos e todos os assuntos relacionados ao ser humano até aquele momento no empreendimento colossal capitaneado por Diderot e D’Alembert, não deixaram de fora o problema da masturbação. No tomo 10 da *Enciclopédia* encontramos o verbete “Manstupration ou Manustupration”, de autoria não identificada, que traduziríamos aqui por “Manstrupração ou Manostupração”, outras formas de dizer “masturbação”. Chama a atenção

²⁰ Cf. GOULEMOT, *Esses livros que se leem com uma só mão*.

²¹ Apud MATTOS, “O leitor lascivo”, p. 8.

²² Cf. GOULEMOT, *Esses livros que se leem com uma só mão*, p. 58.

²³ Cf. DARNTON, *Os best-sellers proibidos*, p. 102.

²⁴ DARNTON, *Os best-sellers proibidos*, p. 102.

²⁵ ANÔNIMO DO SÉCULO XVIII, *Teresa filósofa*, p. 30.

logo no título do verbete, entre parênteses, a contração “Médec. Pathol.”, indicando a categoria temática do verbete; traduzida e ampliada, “Patologia Médica”²⁶.

O verbete explana que a etimologia de “manstupração” designa “uma poluição operada pela mão, isto é, uma excreção forçada do esperma determinada por palpações, titilações e fricções impróprias”²⁷; afirma também que é sinônimo de “onania” e de “onanismo”, e que este termo tem como referência o personagem da mitologia bíblica Onan, “nome de um dos filhos de Judá”. O verbete nos ensina ainda que o esperma - “semence”, em francês - é “um humor precioso, fonte e matéria da vida”, que o seu destino é mesmo ser expelido pelo corpo e, quando excretado, provoca “uma espécie de fraqueza, de lassidão e ansiedade” no corpo que o excretou²⁸.

Até aqui só obviedades. Entretanto, o momento moral do verbete começa quando o autor anônimo difere o “natural” e “legítimo” do “forçado” e “imoral”. Lemos no verbete que a união sexual entre um homem e uma mulher é a forma mais “natural e legítima” do homem excretar o seu esperma²⁹. Entretanto, o autor anônimo considera também como “excreção natural e legítima” a “poluição espontânea”, digamos assim, ocorrida durante o sono no caso sobretudo dos celibatários³⁰. Exceto nesses casos, toda forma de excreção de esperma seria forçado, imoral e até patológico. A propósito, as ações solitárias são definidas pelo autor como “um infame costume nascido no seio da indolência e da ociosidade”³¹.

Tal ranço de moral religiosa asceta, de conservadorismo católico do Antigo Regime, é importante situar, encontramos também quando o verbete afirma que os homens e as mulheres que recorrem à masturbação fazem de suas mãos “instrumentos criminosos”, e, sobretudo, quando o autor é taxativo ao sustentar que a masturbação seria “causa de uma infinidade de doenças muito graves, frequentemente mortais”³².

O verbete considera como imoderada e obsessiva, logo, patológica, a masturbação praticada duas ou três vezes ao dia. Esse número é pretensamente fundamentado em observações empíricas de casos concretos da época. Uma dessas experiências ganha destaque no texto pelo exagero. Trata-se do expediente da censura moral travestida de cientificidade, posição consciente ou inconsciente de um setor do iluminismo de poucas luzes presente na *Encyclopédia*. É o relato de um jovem robusto e vigoroso que se masturbava até três vezes por dia. Essa prática, ou “vício”, como ressalta o verbete, destruiu sua saúde e desestruturou a sua vida. O fim desse onanista, dramatiza o autor do verbete, é pavoroso. Nas suas palavras, “é impossível conceber um espetáculo mais horrível”: um corpo sem forças, magro, pálido, inválido, “exalando um fedor insuportável”, “quase

²⁶ ANONYME, “Manstupration ou Manustupration”, p. 51.

²⁷ ANONYME, “Manstupration ou Manustupration”, p. 51.

²⁸ ANONYME, “Manstupration ou Manustupration”, p. 52.

²⁹ ANONYME, “Manstupration ou Manustupration”, p. 52.

³⁰ ANONYME, “Manstupration ou Manustupration”, p. 52.

³¹ ANONYME, “Manstupration ou Manustupration”, p. 52.

³² ANONYME, “Manstupration ou Manustupration”, p. 52.

imbecil”, “atacado por uma diarreia abundante”; assim o onanista teria terminado os seus dias, “mergulhado na imundície”³³. É difícil conceber o alegre e hedonista Diderot, autor do *Suplemento à viagem de Bougainville*, tendo participado da redação desse verbete...

A ontologia do hedonismo diderotiano

No verbete “Filósofo” da *Encyclopédie*, em que Diderot aparece como coautor ao lado de Voltaire e de Dumarsais, uma máxima antiga resgatada pelos seus autores resume bem o caráter e o propósito essencial da reflexão de um pensador das Luzes: “Sou humano, nada do que é humano me é estranho”³⁴. Somemos tal humanismo e abertura intelectual à seguinte passagem da *Refutação seguida da obra de Helvétius intitulada O Homem*, de Diderot, de 1774: “É que é bem difícil fazer boa metafísica e boa moral sem ser anatomista, naturalista, fisiologista e médico”³⁵. O resultado dessa equação é certamente o pensamento de Bordeu, o médico filósofo que, como vimos, despertou pelo constrangimento, por meio de uma crítica radical à castidade e à continência rigorosa e de um elogio argumentado à masturbação, a consciência moral do senso comum da França do século XVIII representada pela senhorita de l’Espinasse da trilogia materialista de Diderot.

Depois de expor como filósofo na *Continuação da conversa* a sua reflexão hedonista à senhorita de l’Espinasse, Bordeu declara como médico: “Eu quero que as pessoas se sintam bem, eu o quero absolutamente, compreendeis?”³⁶. Em seguida, Bordeu se faz concomitantemente médico e filósofo. À maneira epicurista do cálculo racional do prazer, ele deixa bem clara a sua posição moral a despeito de suas objeções aos preceitos que norteiam e reprimem o comportamento afetivo e sexual dos seus contemporâneos: “Censuro todo excesso”³⁷. Em outras palavras, o hedonismo explícito e o eudemonismo sugerido pelo discurso de Bordeu, ou melhor, de Diderot, não resvalam num amoralismo, isto é, numa permissividade desregrada do tipo sadiano, em que todo e qualquer prazer é válido e para se obter a felicidade vale tudo, inclusive fazer das pessoas um meio em vez de um fim. Gozar sim, buscar o bem-estar da felicidade sempre, apregoa Bordeu, porém, sem perder de vista a utilidade pública, isto é, também o interesse do outro. E mesmo práticas que só gerem, à primeira vista, prazer com utilidade pessoal, como a masturbação e que ao mesmo tempo não provoquem danos à utilidade pública - como a homossexualidade, poderíamos acrescentar -, essas são aprovadas pelo julgamento moral de Bordeu. O importante, de acordo com essa perspectiva, é que nossas ações sejam conscientes do princípio de que “tout ce qui est ne peut être ni *contre nature* ni *hors de nature*”³⁸, isto é, “tudo o que existe não pode ser nem

³³ ANONYME, “Manstupration ou Manustupration”, p. 53.

³⁴ DIDEROT, DUMARSAIS, VOLTAIRE, “Filósofo”, p. 293.

³⁵ DIDEROT, *Refutation suivie de l’ouvrage d’Helvétius*, p. 813.

³⁶ DIDEROT, *Le rêve de D’Alembert*, p. 173.

³⁷ DIDEROT, *Le rêve de D’Alembert*, p. 173.

³⁸ DIDEROT, *Le rêve de D’Alembert*, p. 178, grifo nosso.

contra a natureza, nem fora da natureza”. E a castidade e a continência rigorosa seriam dois comportamentos absolutamente contrários a esse princípio; estes consistiriam, na verdade, nos “primeiros dos crimes contra a natureza”, absurdos aceitos em sociedades nas quais o fanatismo religioso e o preconceito ditam a moral, enfatiza Bordeu à senhorita de l’Espinasse³⁹

Mas que razões ontológicas estariam por trás e nos alicerces dessa ética que prega o respeito ao funcionamento natural do corpo humano e uma harmonia entre os valores e os desejos, entre as normas de comportamento e as nossas imperiosas necessidades psicofisiológicas?

Insatisfeito, por um lado, com a tese dualista de que o ser humano é corpo e a alma é incorpórea e imaterial, e também, por outro, com a hipótese da sensibilidade essencial e geral da matéria, D’Alembert, na *Conversa entre D’Alembert e Diderot*, a primeira parte da trilogia materialista diderotiana que deságua na *Continuação da conversa*, faz a seguinte provocação ao seu interlocutor Diderot, este, advogado da segunda posição ontológica, a materialista: “Pois, enfim, esta sensibilidade que vós a substituais, se ela for uma qualidade geral e essencial da matéria, é preciso que a pedra sinta”. Diderot aceita a provocação do seu confrade com ironia: “Por que não?”⁴⁰. Nas *Observações sobre Hemsterhuis*, de 1772, Diderot reitera, agora enfática e seriamente, tal hipótese materialista: “Creio que toda matéria sente, ou tende a sentir”⁴¹.

Não é porque o mármore de uma estátua não grita de dor quando o trituramos para transformá-lo em pó que não haja sensibilidade nele como matéria, argumenta Diderot em sua conversa com D’Alembert. À primeira vista, tal argumento de Diderot causa espanto pela excentricidade. Contudo, o conceito de matéria em Diderot envolve duas outras ideias: a de “molécula” ou átomo e a de energia ou força. Toda a matéria, em sua heterogeneidade, seria composta, além dos átomos, por energia ou força, e tudo dado num só plano, o da imanência. Em alguns seres da natureza essa força seria viva, em outros ela seria “força morta”. Os seres nos quais essa força for viva terão uma sensibilidade ativa, nos seres em que a força for morta, sua sensibilidade será inerte. Portanto, é por meio das noções de “sensibilidade ativa” e “sensibilidade inerte” como propriedades inerentes às várias formas de matéria que constituem e se confundem com a natureza que Diderot explica, a princípio, a diferença essencial entre uma estátua de mármore e um ser humano de carne e osso, entre uma pedra, uma planta e um animal⁴².

Entretanto, há uma outra ideia importante no materialismo diderotiano associada à sensibilidade essencial e geral da matéria, a de organização interior da matéria⁴³. Voltando ao exemplo da estátua de mármore da *Conversa*, haveria nela uma “força morta” em virtude da organização interior específica da sua matéria, tendo esta, por consequência, pela maneira muito particular com que os seus átomos foram conjugados pelas leis e determinações físicas imperiosas

³⁹ Cf. DIDEROT, *Le rêve de D’Alembert*, p. 178.

⁴⁰ DIDEROT, *Le rêve de D’Alembert*, p. 53.

⁴¹ DIDEROT, *Observações sobre o escrito do Sr. Hemsterhuis*, p. 165.

⁴² Cf. DIDEROT, *Le rêve de D’Alembert*, p. 55.

⁴³ Cf. DIDEROT, *Le rêve de D’Alembert*, p. 56.

da natureza, uma “sensibilidade inerte”. Já o ser humano, por sua matéria ter sido organizada internamente de uma outra maneira, não como matéria bruta, inorgânica na sua maior parte, e sim como matéria orgânica, com inúmeras terminações nervosas, essa particularidade permitiria à sua força inerente se manifestar como força viva, propiciando assim a esse ser uma “sensibilidade ativa”. Dito de outro modo, é a maneira como os átomos se combinam na formação de um ser, a forma como a matéria é organizada pela natureza, que determinará a sensibilidade propriamente dita ou a insensibilidade das coisas. E quanto mais complexa for essa organização, maior será a possibilidade dessa força inerente se expressar e de se fazer mais ativa. Nesse sentido, é o nível de complexidade de organização dessa matéria que determinará a existência de seres não apenas sensíveis, mas também pensantes, como é o caso do ser humano⁴⁴.

Por mais insatisfatório e até “encantado” – como quer Elisabeth de Fontenay⁴⁵ – que o materialismo de Diderot pareça aos nossos olhos de estudiosos do século XXI na sua explicação para a sensibilidade, o sentimento, a memória e o pensamento – isto é, para a alma, a “matéria ativamente sensível”⁴⁶ –, trata-se de um esforço intelectual considerável do filósofo dados os subsídios teóricos e científicos fornecidos pela sua época. Diderot, aliás, mostra ter consciência dessa limitação teórica do seu materialismo na medida em que ele mesmo define sua própria explicação como uma “suposição”⁴⁷. Mesmo assim, no seu entender, sua “suposição” seria menos absurda e mais persuasiva do que a explicação dualista que faz da alma uma substância imaterial, o espírito, este, conclui, “um agente contraditório em seus atributos, uma palavra vazia de sentido, ininteligível”⁴⁸.

A suspensão do juízo ao modo cético diante desse debate sobre a natureza da alma seria uma outra posição filosófica a ser considerada. Entretanto, tal posição, no entender do Diderot da *Conversa*, também não seria uma solução razoável para o problema, visto que somos sempre sinceramente inclinados e atraídos mais para uma explicação do que para outra, não havendo portanto neutralidade. “Neste caso”, conclui Diderot, “não existe portanto cético”⁴⁹. Resta, então, como “suposição” mais razoável do que o dualismo substancial fundamentado em “galimatias metafísico-teológica” e do que a suspensão cética do juízo a explicação materialista de que “não há mais do que uma substância no universo, no homem, no animal”, a saber, a matéria⁵⁰.

⁴⁴ Cf. *Idem*, p. 60.

⁴⁵ Título do livro de Elisabeth Fontenay. Cf. Fontenay, *Diderot ou le matérialisme enchanté*.

⁴⁶ DIDEROT, *Le rêve de D'Alembert*, p. 59.

⁴⁷ DIDEROT, *Le rêve de D'Alembert*, p. 69.

⁴⁸ DIDEROT, *Le rêve de D'Alembert*, p. 63.

⁴⁹ DIDEROT, *Le rêve de D'Alembert*, p. 75.

⁵⁰ DIDEROT, *Le rêve de D'Alembert*, p. 70.

O filósofo como médico

O quinto capítulo do livro *Diderot e “A Religiosa”*, de Georges May, de 1954, tem um título que muito reforça a reflexão e interpretação aqui desenvolvidas sobre Diderot: “Diderot sexólogo”⁵¹. O estudioso do pensador iluminista abre o referido capítulo com a seguinte afirmação: “Todo leitor um pouco familiar com a obra de Diderot sabe quanto o filósofo tinha gosto pelas questões médicas”. E conclui: “o chefe dos enciclopedistas era na verdade um médico fracassado”, nos termos originais do próprio George May, um “médecin manqué”⁵². May também nos lembra de que um dos primeiros trabalhos intelectuais de Diderot foi “a tradução do monumental dicionário inglês de medicina de Robert James”, e que ele foi obrigado a ler as principais obras médicas da sua época para poder dar conta dos verbetes da *Encyclopédie* ligados ao tema⁵³.

Ora, o que esperar de um filósofo materialista, para o qual o ser humano é tão somente corpo – como se ser corpo fosse pouco –, inclusive a sua alma, senão que ele faça da medicina uma área de investigação importante para desvendar a essência humana e com isso termos as bases para tornar a vida do ser humano melhor, uma vez que, eventualmente, este homem do conhecimento também foi, ao que parece, um generoso humanista? É razoável, portanto, que um filósofo assim creia que, para se conhecer a natureza humana, é necessário estudar com afincos anatomia e fisiologia, saber em detalhes como funciona o corpo humano. Dito de outro modo, a realidade impõe ao filósofo dotado desse tipo de curiosidade e objetivo a necessidade, de algum modo, de ser médico. Uma vez entendendo os mecanismos e a dinâmica dessa máquina de sangue, neurônios e necessidades, poderemos administrá-la de modo que a sua natureza seja respeitada, proporcionando assim saúde e bem-estar a esse corpo e aos demais corpos com os quais ele conviver. Tal administração nada mais seria do que a moral. O filósofo preocupado com o bem-estar e a felicidade desse corpo, que é uma pessoa, dessa pessoa, que é um corpo, e que interage cotidianamente com outros corpos essencialmente semelhantes ao seu, elaborará normas de comportamento e defenderá valores absolutamente condizentes com as necessidades psicofisiológicas desse corpo e desses corpos, as quais buscam sempre a satisfação e o bem-estar. E este filósofo o fará como um médico preocupado com a saúde de um corpo, inclusive na sua dimensão imanente de alma. Nesse sentido materialista e determinista, ética e medicina se confundem em Diderot.

Portanto, denunciar a castidade e a continência rigorosa como vícios morais que podem adoecer um corpo na medida em que contrariam suas necessidades naturais mais vitais, necessidades estas determinadas pela energia da matéria e pela sua organização em direção à satisfação e ao prazer, e defender a masturbação como uma prática inocente, inofensiva e saudável

⁵¹ MAY, *Diderot et “La Religieuse”*, p. 98.

⁵² MAY, *Diderot et “La Religieuse”*, p. 98.

⁵³ Cf. MAY, *Diderot et “La Religieuse”*, p. 99.

ao corpo quando exigida pelo próprio corpo e feita de forma moderada, é ao mesmo tempo um posicionamento ético e médico de Diderot. Quanto mais satisfações e prazeres um corpo tiver, obviamente mais saudável e satisfeita será essa pessoa, como, por exemplo, os nativos felizes do utópico Taiti apresentados por Diderot no seu *Suplemento à viagem de Bougainville*, de modo que a infelicidade será um estado psicofisiológico de enfermidade da alma, resultante das repressões e frustrações das necessidades naturais mais básicas desse corpo, como vemos ocorrer com as freiras dos conventos retratados pelo nosso filósofo no seu romance *A religiosa*. Assim sendo, uma moral que consiga promover efetivamente essa felicidade será a mais agradável e saudável do ponto de vista do indivíduo e a mais útil do ponto de vista da utilidade e da saúde públicas, logo, será a melhor de todas as concepções de moral, exatamente aquela que, como um reformista dos costumes, Diderot tentou fazer valer na dura batalha das ideias da Europa do século XVIII.

PRAISE TO MASTURBATION: MATERIALISM AND HEALTH IN DIDEROT

Abstract: Starting from the ontological premise that reality is unique and essentially matter and that the human being is only a body, the French philosopher Denis Diderot (1713-1784) developed, especially in the course of his philosophical maturity, a hedonistic ethic based on the moderation of pleasures and concern with public utility. Simultaneously eudemonistic, this materialist perspective understands happiness as a psychophysiological state, more precisely as an organic need that depends on the health of the body that constitutes and that consists of the individual himself. It is when, in his Continuation of the conversation, of 1769, Diderot becomes a doctor and, unusually, provokes a reflection of ethical scope on masturbation. It is from this philosophically heterodox reflection and from its ethical developments that this paper deals.

Keywords: body - masturbation - materialism - hedonism – eudemonism

Referências bibliográficas:

ANÔNIMO DO SÉCULO XVIII. *Teresa filósofa*. Porto Alegre: L&PM, 1991.

ANONYME. “Manstupration ou Manustupration (Médec. Pathol.)”. In: D’ALEMBERT, J. R; DIDEROT, D. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. Tome 10. Paris, 1765, pp. 51-54. Disponível em: <https://fr.wikisource.org/wiki/L%E2%80%99Encyclop%C3%A9die/1re_%C3%A9dition/MA NSTUPRATION_ou_MANUSTUPRATION>. Acessado em 29 de dezembro de 2016.

DARNTON, R. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DIDEROT, D. *Éléments de physiologie*. Paris: Honoré Champion, 2005.

_____. *Jóias indiscretas*. Rio de Janeiro: Global, 1986.

_____. *Le rêve de D'Alembert*. Paris: GF Flammarion, 2002.

_____. *Obras VII. A religiosa*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. “Observações sobre o escrito do Sr. Hemsterhuis intitulado *Carta sobre o homem e suas relações*, publicado em Haia no ano de 1772”. In: HEMSTERHUIS, F. *Sobre o homem e suas relações*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

_____. “Plan d’une université pour le gouvernement de Russie ou D’une éducation publique dans toutes les sciences”. In: *Oeuvres complètes de Diderot*. Tome III. Édition établie par J. Assézat. Paris: Garnier Frères, 1875.

_____. “Réfutation suivie de l’ouvrage d’Helvétius intitulé *L’Homme*”. In: *Oeuvres*. Tome I: Philosophie. Édition établie par Laurent Versini. Paris: Robert Laffont, 1994.

_____. *Supplément au voyage de Bougainville*. Paris: Gallimard, 2002.

DIDEROT; DUMARSAIS; VOLTAIRE. “Filósofo”. In: D’ALEMBERT, J. R; DIDEROT, D. *Enciclopédia, ou Dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios*. Volume 2. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

DIÓGENES LAËRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1977.

FONTENAY, E. *Diderot ou le matérialisme enchanté*. Paris: Grasset, 1982.

GOULEMOT, J.M. *Esses livros que se leem com uma só mão: leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII*. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.

MATTOS, L. F. F. “O leitor lascivo”. In: *Jornal de resenhas*. Suplemento do jornal *Folha de São Paulo*. São Paulo, 12 de maio de 2001.

MAY, G. *Diderot et “La Religieuse”*. Paris: PUF, 1954.